

POSSIBILIDADES E LIMITES DE UMA FILOSOFIA LATINO-AMERICANA

Antonio Paim

O prof. Francisco Miró Quesada, em sua comunicação acerca das possibilidades e limites de uma filosofia latino-americana, buscou uma posição conciliatória entre a tendência que afirma o caráter universal da filosofia e aquela que procura reduzi-la à circunstância regional.

A solução encontrada pelo prof. Quesada parece consistir na redefinição da chamada *filosofia da libertação*, tornando-a um segmento da problemática clássica — ao lado da investigação de índole metafísica, da historiografia filosófica, do tema da ciência, da filosofia do direito e da história das idéias em nossos respectivos países — e fazendo-a descer do pedestal e da situação de domínio que pretendeu alcançar.

E duvidoso que semelhante solução seja efetivamente integradora. E até mesmo se se pode integrar a “filosofia da libertação” ao propósito comum. (1).

A plataforma apresentada pela filosofia da libertação corresponde a um artifício que no Brasil denominamos de *atitude participante*. São *participantes* aqueles que, declarando fazer história das idéias, valem-se da obra dos pensadores precedentes apenas para divulgar as próprias idéias. No Brasil tivemos, em diferentes épocas, três erupções de semelhante postura: I) quando se tratou de promover a difusão do positivismo e das filosofias científicas, nas últimas décadas do século XIX; II) quando no país se formou um grupo decidido a promover a restauração escolástica, na década de vinte deste século; e, III) no período

contemporâneo, mais precisamente: nos anos cinquenta, quando a difusão do marxismo (2) se vinculou ao movimento político. Em todos esses momentos, seus promotores não se contentaram em colocar suas idéias ao lado das vigentes na tentativa de ganhar os espíritos segundo os procedimentos próprios da filosofia. Não puderam fazê-lo porquanto falavam em nome da fé e não da razão. Vinham para anunciar o começo dos tempos e a redenção.

No caso do marxismo de inspiração militante, tem lugar a introdução de uma nova falácia. Como seus partidários chegam à filosofia por imperativo político e ambição totalitária, querem logo inverter os dados da questão e enxergar nas demais filosofias determinado engajamento político. O que está longe de corresponder à realidade dos fatos. Nenhuma filosofia verdadeira pode levar um pensador a identificar-se com o programa de uma agremiação política. Outras serão as fontes inspiradoras.

De sorte que a ambição integradora do prof. Quesada parece-nos fadada ao fracasso. Pelo menos no caso brasileiro. Em nosso país o projeto de formular uma filosofia nacional não chegou a adquirir a proeminência que se lhe atribui em outras nações americanas. Talvez porque tenhamos avançado o suficiente na análise do pensamento brasileiro a ponto de dificultar a ação daqueles que pretendem usá-lo como ponte para a propaganda das próprias idéias. Com efeito, pode-se apontar os seguintes progressos na matéria: I) logramos

(1) os corifeus desse movimento enfatizam que não se trata “da demarcação formal de um objeto mas da abertura de uma perspectiva nova”. (Linhas básicas para um projeto de filosofar latino-americano. *Revista de Filosofia Latinoamericana*, 1 (1) jan. - j un., 1975, p. 10). No editorial da mesma publicação diz-se que esse projeto corresponde “à única filosofia possível entre nós”. Qualquer outra coisa “é agora e o será muito mais no futuro um pensar decadente, supérfluo, ideológico, encoberido, desnecessário”.

(2) A principal figura do marxismo brasileiro — Leonidas de Rezende (1889/1950) — iniciou uma tradição de interpretação autônoma, sem vinculações partidárias, continuada pelos chamados marxistas heterodoxos que, embora não cheguem a constituir uma corrente filosófica, correspondem a intelectuais de renome no país.

promover a reedição dos principais textos (3); II) acha-se institucionalizada a pesquisa e o estudo sistemáticos do pensamento brasileiro; (4); III) estão identificados os principais problemas em torno dos quais se mobilizou a meditação brasileira; (5) e IV) os momentos de criatividade e originalidade começam a ser estabelecidos com relativa clareza.

De modo que pretender, nas atuais circunstâncias, negar significação ao pensamento brasileiro, exige muita leitura e embasamento teórico para tratar das questões suscitadas e que são efetivamente as essenciais. Apenas para exemplificar, enumero algumas delas: 1) as relações entre a filosofia da Universidade pombalina, que Joaquim de Carvalho batizou de *empirismo mitigado*, e o radicalismo político da primeira metade do século XIX; 2) a superação do empirismo mitigado na obra de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769/1846); 3) a periodização da Escola Eclética e a evolução de sua problemática; 4) o culturalismo de Tobias Barreto (1839/1889); 5) a filosofia política de inspiração positivista; e 6) o caminho brasileiro para a restauração ontológica (Lima Vaz — Djacir Menezes — Miguel Reale).

Semelhante enunciado conduz-nos a uma questão efetivamente nuclear, a saber: porque filosofia latino-americana? Será que entre nossas culturas nacionais existe tão ampla circularidade que justifique a ambição? A resposta só pode ser negativa, podendo-se desde logo indicar, como exemplo de insulamento e desconhecimento mu-

(3) Acham-se reeditados os textos mais importantes da fase final do período colonial e do ciclo inicial da Independência (Antonio Genovesi, Frei Caneca, Silvestre Pinheiro Ferreira, Feijó e Eduardo Ferreira França); da Escola do Recife (Tobias Barreto, Silvio Romero, Clovis Bevilacqua e Artur Orlando); do positivismo político; dos primórdios do neopositivismo, etc.

(4) Funciona em nível de pós-graduação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, curso dedicado ao pensamento brasileiro e, em nível de graduação, em diversas Universidades. E grande o número de teses submetidas à Universidade.

(5) Considera-se que a meditação nacional impressionou-se sobremaneira com o problema da aceção de pessoa humana, considerando-a, num largo período, do ponto de vista da liberdade e, posteriormente, do ponto de vista da consciência. A solução metafísica do problema enseja a formulação de uma filosofia política. As relações entre filosofia e ciência situam-se num terceiro plano.

tuo, tanto o relatório do prof. Quesada como a próprio temário do IX Congresso Interamericano de Filosofia. (6)

No relatório do prof. Quesada afirma-se que há um acordo geral entre os historiadores da filosofia latino-americana de que esta começa nos fins do século passado e início do presente, com a obra do "Patriarcas". O enunciado exclui o Brasil. Quando concordamos em participar da denominada Bibliografia dos "Fundadores", patrocinada pela OEA, fizemos questão de conceituá-los como aquele grupo de pensadores que se opõe ao positivismo e abre o caminho à restauração metafísica. Ao enfatizar essa circunstância não se pretendeu insinuar que os ciclos precedentes sejam desprovidos de significação.

Assim, é lícito supor que o prof. Quesada tem em vista, talvez, a cultura hispano-americana, ou de modo mais restrito ainda, aqueles países colonizados pela Espanha e que contavam, à época da colonização, com uma cultura indígena algo desenvolvida. A restrição torna-se cabível quando se verifica que os seus enunciados não, são suficientemente abrangentes sequer para incluir um país como a Argentina. E muito menos para englobar as nações de origem portuguesa e francesa.

A filosofia adquire relevância pela importância que alcança na evolução da cultura brasileira, em cada um de seus momentos efetivamente marcantes. Em nosso meio, as tentativas recentes de negar essa evidência revelaram achar-se a serviço de doutrinas que nada tinham a ver com a nossa tradição filosófica e consistiam em mero projeto político, muitas vezes a serviço de objetivos inconfessáveis. Nosso movimento filosófico não chegou a ser envolvido por esse tipo de catilinária e revela pujança crescente, através das múltiplas correntes que o integram. Pois que esta corresponde à grande conquista de nosso tempo: a coexistência de diversas tendências, entretendo

(6) Ao mencionar pensadores brasileiros, quis o prof. Quesada circunscrever-se ao âmbito de sua especialidade. Na verdade, entretanto, omitiu os nomes dos mais destacados representantes brasileiros do que denomina de "filosofia analítica", isto é, a meditação centrada na ciência, a saber: Leonidas Hegenberg, Newton Carneiro da Costa e Oswaldo Porchat. Na seleção das correntes representativas da atualidade, para constituir o temário do Congresso, não estão mencionadas a filosofia católica, as vertentes contemporâneas do positivismo e o culturalismo que definem, ao lado do neopositivismo, o quadro veigente no país.

animado diálogo, de que resulta o aprofundamento da consciência filosófica. Tal seria a circunstância

efetivamente digna de ser generalizada em nosso continente.